



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

COM
TRABALHO, TRABALHO, TRABALHANDO, NÃO HÁ TEMPO PARA
MORRER

Elogio Fúnebre de Sua Excelência Filipe Jacinto Nyusi, Presidente da República de Moçambique, na Cerimónia de Estado das Exéquias do Herói Nacional, Major General Marcelino dos Santos

Maputo, aos 19 de Fevereiro de 2020

Marcelino, nosso Orgulho!

Kalungano!

Nesta mesma Praça da Independência, neste lugar carregado de simbolismo, numa manhã de quarta-feira como esta, tu, Marcelino disseste aos moçambicanos que UM POVO NUNCA SE PODE DESPEDIR DA SUA HISTÓRIA.

Tu, Kalungano, ensinaste-nos que ENQUANTO HOUVER REVOLUÇÃO, NÃO HÁ TEMPO PARA MORRER.

Como ACEITAR que a Pátria Moçambicana perca um dos seus mais lendários filhos?

Como acreditar que perdemos hoje um cidadão íntegro, um moçambicano forjado nas tradições que engrandecem este Moçambique multicolor?

Como nos despedirmos de um homem que nos ajudou a encontrarmo-nos como povo e como nação?

Como dizer adeus a um patriota de sorriso e coração aberto, que venceu vicissitudes da vida e suplantou as perseguições dos inimigos?

Caro Marcelino!

Não conseguimos fingir a DOR, quando na passada manhã do dia 11 de Fevereiro, nos chegou a notícia do coração que em ti

parou, como se tivesse suspenso no Tempo o impulso e a pujança de um dos criadores da Revolução Moçambicana.

Não aceitamos hoje, como não aceitámos há 33 anos, quando a emissão da Rádio Moçambique foi interrompida para, através da tua inconfundível voz, sabermos da morte do Presidente Samora Moisés Machel.

A partir do comício por nós dirigido na Cidade de Pemba, província de Cabo Delgado, comunicámos a tua partida física àqueles que são os companheiros do Herói Marcelino: o Povo Moçambicano do Rovuma ao Maputo, do Zumbo ao Índico e na diáspora.

A Nação moçambicana parou para prestar a merecida homenagem a ti, libertador deste país.

Marcelino, tu ensinaste-nos a plantar a árvore da independência nacional, ensinaste-nos a plantar nas estrelas e sobre o mar.

Disseste-nos na tua poesia que era preciso plantar como símbolo da nossa esperança colectiva. Ensinaste-nos que era preciso plantar por toda a parte um tempo de felicidade para todos. Que era preciso plantar a felicidade nos olhos de cada uma das nossas crianças.

Eis o que agora te prometemos: dentro de nós, de todos nós, plantaremos mais árvores, plantaremos árvores que tornarão eterna a tua presença.

Em Junho de 2015, proclamamos-te, ainda em vida, nosso Herói Nacional. Esta foi uma decisão unânime e sem hesitação. Este é o título que mereceste sempre.

Ecoam na nossa alma versos que escreveste em plena luta. No poema “NAMPIALI” de 1968 retratas desta maneira a marcha dos combatentes, avançando no teatro das operações:

*“Verde carmím azul e violeta e nós marchando
no planalto e sempre os nossos olhos,
as cores suaves e doces,
verde, carmím, azul e violeta,
na paisagem quente,
da terra livre de Moçambique”.*

Recordar-te-emos como o dirigente coerente, nas tuas firmes convicções, sempre a pensar no Povo.

Partes num momento singular da nossa história, numa altura em que forças estranhas aos interesses dos moçambicanos procuram colocar um travão à nossa marcha, rumo à Paz e à nossa emancipação económica e social.

Perante o teu corpo Marcelino, juramos que, tal como no passado, também hoje não vacilaremos. Juramos defender com as nossas vidas cada palmo do nosso território, da nossa soberania e da nossa unidade nacional, as maiores conquistas do nosso Povo.

Aos Compatriotas!

Na verdade, Marcelino dos Santos não partiu. É o oposto. Marcelino vive hoje e viverá sempre em cada moçambicano. Estamos aqui para celebrar a sua verticalidade, a coerência, a franqueza, o seu trato simples, o seu inabalável optimismo. Festejamos, hoje e sempre, o poeta, o homem da arte, da cultura e da ciência.

Guardo, na memória, o momento em que, Marcelino, optou por não seguir para a Índia, para um tratamento que tinha sido recomendado pela junta médica. A sua humildade e o seu sentido de servidor dos outros não permitiam que tomasse sozinho essa decisão. Só aceitou viajar, quando me deslocuei, pessoalmente, à sua casa para o aconselhar a seguir o tratamento. Esse era o seu sentido de disciplina, o lugar de modéstia que reservava para si próprio.

Kalungano era homem fiel a uma causa que era maior que a sua própria vida. Homem do Povo, ele abdicava de si próprio, combatendo as assimetrias através do seu exemplo. Não queria usufruir de privilégios que não fossem direitos extensivos a todos. E isso ficou patente quando os médicos recomendaram que continuasse os tratamentos em Portugal, em Cuba ou na República da África do Sul.

Marcelino respondeu nos seguintes termos:

“Usem esse dinheiro para os que precisam mais do que eu... Há crianças que muito poderão dar a este país, se tiverem a oportunidade de um tratamento fora... ou então mandem vir

esses médicos que vocês acreditam que me podem tratar, para tratarem a mim e aos outros que não têm como sair do país”.

Esse é Marcelino, Nosso Herói!

O teu exemplo e o teu prestígio há muito que extravasaram as nossas fronteiras. Foi graças aos contactos que estabeleceste em França, juntamente com o teu companheiro de Angola, Mário Pinto de Andrade, que em 1955, intelectuais franceses e outras personalidades escreveram a Salazar, exigindo-lhe a independência para as colónias e a libertação imediata de Agostinho Neto, preso sem julgamento, acusado de ser o representante dos estudantes das colónias.

A carta foi assinada por personalidades com prestígio internacional, nomeadamente: Louis Aragon, Simone de Beauvoir, François Mauriac, Jean-Paul Sartre, Elsa Triolet, Claude Roy, o poeta cubano Nicolás Guillén e pelo pintor mexicano Diego Rivera, entre muitas outras personalidades de dimensão mundial.

Perante a pressão internacional, o governo colonial acabou por ceder a parte destas reivindicações e a 12 de Junho de 1957, Agostinho Neto foi libertado.

Queremos assegurar-te que, neste nosso ciclo de governação, honraremos a agricultura e a indústria que sonhaste como pilares para a economia desta nação. Estes princípios ficaram por tua mão registados na primeira Constituição da República, redigida em Inhambane, em 1975.

Lutaremos pela Justiça Social que foi sempre a tua MARCA, transformando os recursos naturais em riqueza que deve servir os Moçambicanos e não apenas a um grupo de pessoas, sejam elas moçambicanas ou estrangeiras.

Camarada Marcelino!

Escreveste poemas e livros. Mais do que tudo, escreveste a tua própria vida nas páginas de Moçambique. E ali deixaste registado que este nosso mundo é feito pela generosidade dos que dão e pela gratidão dos que recebem.

*Sabemos o quanto nos deste. Saibamos nós receber com gratidão uma obra de coerência, um legado construído ao longo de nove décadas pelo nosso mestre, amigo, o nosso Herói Nacional, **Major General Marcelino dos Santos.***

À família enlutada, queremos afirmar que o povo e a nação moçambicana inclinam-se diante do vosso sofrimento.

Marcelino! Marcelino! Marcelino!

*Recorrendo às sábias palavras por ti proferidas neste mesmo espaço sagrado, nas exéquias fúnebres de Samora, em Outubro de 1986, termino dizendo: **ENTREGAMOS O TEU CORPO, MAS TU FICAS CONNOSCO!***

Autorize-me que me inspire na tua visão: COM TRABALHO, TRABALHO, TRABALHANDO, NÃO HÁ TEMPO PARA MORRER!